

O mal enquanto um problema metafísico

Evil as a metaphysical problem

AMANDA VICTORIA MILKE FERRAZ DE CARVALHO¹

O esforço deste texto é mostrar as características de Deus estipuladas por Epicuro no seu dilema e os problemas que o tema do mal acarreta na compreensão de Deus e seus atributos. Os passos são: a) analisar e interpretar do dilema de Epicuro para se enxergar os atributos de Deus; b) observar os pontos do problema apontado; c) analisar através das *Confissões VII* de Agostinho, os atributos que ele nomeia para Deus e a resposta que ele fornece para o dilema;

Analisando o dilema de Epicuro conseguimos observar, primeiramente, os atributos que são dados como características de Deus:

Por outro lado, se ele [Deus] cuida apenas de algumas coisas, por qual motivo cuida de umas e não de outras? Ou ele deseja e não é capaz, ou é capaz, mas não deseja; ou ele não deseja e nem é capaz. Se ele tanto desejasse quanto fosse capaz, ele cuidaria de tudo; entretanto, pelas razões citadas acima, ele não cuida de todas as coisas, portanto, não é o caso que ele tanto deseje quanto seja capaz de cuidar de todas as coisas. Porém, se ele deseja e não é capaz, é mais fraco do que aquilo do que ele não cuida, mas não é esse o conceito de Deus, a saber, que ele seja mais fraco do que alguma coisa. Mais uma vez, se ele é capaz de cuidar de todas as coisas, mas não deseja fazer isso, ele será considerado malevolente, e se ele não deseja nem é capaz, é tanto malevolente quanto fraco; porém, afirmar isso de Deus é ímpio (EPICURO *apud* SEXTO EMPÍRICO, 1996, p. 110, tradução nossa)

De acordo com essa passagem, Epicuro afirma que não é característica de Deus ser mais fraco do que aquilo que ele cuida ou não cuida, logo, Deus é onipotente, todo poderoso. Além disso, é possível interpretar que é atribuída a característica de benevolência a Deus, pois não se deve afirmar que Deus não é capaz (fraco) e nem malevolente (mal) pois não se encaixa aos seus atributos, logo ele é benevolente. Com isso, da interpretação do dilema de Epicuro, temos duas características atribuídas a Deus: onipotência e benevolência. E, mesmo assim, com um Deus onipotente e benevolente, Epicuro conclui: o mal existe. Esse problema de compatibilidade está no centro do dilema: *uma vez que Deus, onipotente e benevolente, existe, como isso é possível, que o mal coexista?* Resulta-se dessa interpretação e conclusão de Epicuro três saídas possíveis logicamente: i) Deus não existe, porque o mal existe; ii) Deus existe e o mal existe, mas os atributos de Deus na verdade são diferentes: malevolente e fraco (próprio Epicuro pontua que afirmar isso sobre Ele, seria bárbaro); iii) O dilema está sendo encarado da maneira errada e Deus mantém seus atributos de

¹ Graduanda em Licenciatura no curso de Filosofia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Bolsista junto ao Programa de Educação Tutorial (PET). E-mail: mandamilke@gmail.com

benevolência e onipotência, e o mal existe, necessitando assim, uma segunda análise do dilema. O caminho de investigação desse texto é o terceiro apontado, sendo o fio condutor desta análise. Iniciando pelo aprofundamento do tema do mal no problema, cito:

Então, se ele [Deus] cuidasse de todas as coisas, não haveria mal particular ou geral no cosmos. Porém, os dogmáticos afirmam que tudo está repleto de mal, portanto, não se pode afirmar que Deus cuide de todas as coisas (EPICURO *apud* SEXTO EMPÍRICO, 1996, p. 110, tradução nossa).

O mal existe, Epicuro mostra essa existência do mal ao falar em mal particular ou geral no cosmos, e os dogmáticos, segundo ele, dizem que tudo está repleto de mal, portanto, podemos observar o problema que o mal cria para a compreensão de Deus. Não se pode afirmar que Ele cuide de tudo porque o mal existe, e o mal existindo, fica o questionamento em relação à benevolência e onipotência de Deus.

Retomando a primeira citação feita nesse texto, em que observamos as características que Epicuro atribui a Deus através da interpretação, podemos ver os questionamentos feitos. Se Deus é onipotente, mas não cuida de todas as coisas, e sabemos que não cuida, porque existe o mal, por que ele cuida de umas e não de outras? Será que Ele deseja cuidar e não é capaz? Ora, se esse é o caso, ele não é onipotente, ele é fraco, o que vai contra seu atributo. Mas supondo que Deus seja onipotente, mas ele não deseja cuidar de todas as coisas, e por isso cuida somente de algumas, então isso fere sua outra característica: benevolência. Portanto, a existência do mal acaba tornando possível inferir a dúvida sobre uma das características de Deus, e indo até mais longe, supondo que Deus não é capaz de cuidar de tudo e nem quer; acaba afetando suas duas características ao tomar a existência do mal como conclusão.

Então, como Santo Agostinho responde essa problematização que Epicuro traz em seu dilema? É preciso, em primeiro momento, observar as características que Agostinho atribui a Deus, e se são compatíveis com os de Epicuro. Epicuro diz que Deus é onipotente e benevolente. Agostinho concorda com os dois atributos que Epicuro estabeleceu. Cito um trecho da Obra Confissões VII que demonstra isso: “Eis Deus, e eis o que Deus criou. Deus é bom e assombroso e incomparavelmente preferível a tudo isso. Ele é bom, e por conseguinte, criou boas coisas. E eis como Ele as rodeia e as enche.” (AGOSTINHO, 1973, p. 133)

Agostinho, porém, adiciona dois atributos a Deus, a onisciência e a incorruptibilidade. Com a citação a seguir é possível observar e interpretar esse acréscimo de características feita por ele:

É absolutamente certo que de modo nenhum pode a corrupção alterar o nosso Deus, por meio de qualquer vontade, de qualquer

necessidade ou de qualquer acontecimento imprevisto, porque Ele é o próprio Deus, porque tudo o que deseja é bom e Ele próprio é o mesmo Bem. Ora, estar sujeito à corrupção não é um bem. Não podes ser obrigado, por força, seja ao que for, porque em Vós a *vontade* não é maior do que o *poder*. Porém, seria maior, se Vós mesmo fôsseis maiores que Vós mesmo. Mas a vontade e o poder de Deus são o mesmo Deus. Para vós, que tudo conheceis, existe acaso alguma coisa imprevista? Nenhuma natureza existe, se não porque a conheceste. Para que proferimos nós tantas palavras a fim de comprovar que a substância de Deus não é corruptível, já que, se o fosse, não seria Deus? (AGOSTINHO, 1973, p. 132).

Agostinho aqui diz que, se Deus fosse corruptível, não seria Deus; o autor acrescenta o atributo de incorruptibilidade a Deus. Por ser Deus, o Bem divino, incorruptível, Ele não é afetado pelo mal, que não existe. Esse ponto será melhor abordado adiante. Prosseguindo para a onisciência: ele diz que Deus tudo conhece, ele tudo criou, então como não pode existir algo imprevisto para Deus, conclui-se sua onisciência. Ele ainda reforça os outros dois atributos já estabelecidos por Epicuro, a onipotência e a benevolência, ao dizer que não existe nada mais poderoso que ele, e que Deus é o próprio bem. Agostinho, porém, não aceita a conclusão de Epicuro sobre a existência do mal.

Como vimos até aqui, Deus tem como atributos, para Santo Agostinho: benevolência, onipotência, onisciência e incorruptibilidade. Ele sendo isso, como pode o mal existir? Para Agostinho o mal não existe enquanto substância, ou seja, ele não existe propriamente, assim todas as coisas que existem são boas, foram criadas boas, porém são corruptíveis:

Logo, enquanto existem, são boas. Portanto, todas as coisas que existem são boas, e aquele mal que eu procurava não é uma substância, pois, se fosse substância, seria um bem. Na verdade, ou seria substância incorruptível, e então era certamente um grande bem, ou seria substância corruptível, e, nesse caso, se não fosse boa, não se poderia corromper. Vi, pois, e pareceu-me evidente que criastes boas todas as coisas, e que certissimamente não existe nenhuma substância que Vós não criásseis. E, porque as não criastes todas iguais, por esta razão, todas elas, ainda que *boas* em particular, tomadas conjuntamente são *muito boas*, pois o nosso Deus criou “todas as coisas muito boas” (AGOSTINHO, 1973, p. 140)

O mal não existe como substância, portanto, o mal não existe. Todas as coisas que existem são boas pelo fato de existirem e Deus ter criado todas as coisas muito boas no seu conjunto ou na sua individualidade. Podemos concluir: se o mal não existe como substância, ele não foi criado por Deus, que somente criou coisas boas. Os atributos de Deus, tanto os que Epicuro colocou no seu dilema e Agostinho concordou, quanto os que Agostinho apontou, permanecem intocáveis e são inquestionáveis, não paira dúvida sobre eles, afinal, o mal não existe. Isso tudo,

porém, não responde o seguinte: *nós sabemos que o mal se faz presente, mesmo que não exista, como substância, ainda se apresenta e manifesta, assim, ainda vale a pergunta acerca da origem do mal*. Agostinho responde isso logo em seguida:

Em absoluto, o mal não existe nem para Vós, nem para as vossas criaturas, pois nenhuma coisa há fora de Vós que se revolte ou que desmanche a ordem que lhe estabelecesteis. Mas porque, em algumas das suas partes, certos elementos não se harmonizam com outros, são considerados maus. Mas estes coadunam-se com outros, e por isso são bons (no conjunto) e bons em si mesmos. Todos estes elementos que não concordam mutuamente concordam na parte inferior da criação a que chamamos terra, cujo céu acastelado de nuvens e batido pelos ventos quadra bem com ela. (AGOSTINHO, 1973, p. 140-141).

Deus não criou nada mal e o mal não existe como substância, porque Deus não criaria nada que pudesse interferir na ordem que ele estabeleceu. Não obstante, o mal circunda entre as criaturas boas, que não estão em harmonia com as outras, distantes de Deus, que é quem estabelece o bem e a ordem. Para explicar isso, temos certa hierarquia entre os bens: i) o Bem divino; ii) o Bem inferior, mundano. Ao inverter essa ordem hierárquica e preferir e/ou priorizar o bem inferior, a desarmonia acontece, abrindo espaço para manifestação do mal. Mal esse que não existe, ele se apresenta nas criaturas boas que são consideradas más ao se afastarem de Deus. Essas partes podem, porém, voltarem ao equilíbrio da ordem estabelecida ao se ajustarem com as demais, ou seja, reaproximarem-se de Deus.

É possível concluir que Epicuro atribui a Deus onipotência e benevolência e levanta o questionamento acerca dessas características devido sua conclusão sobre a existência do mal. Agostinho antes de responder, aceita os atributos que Epicuro aponta como os de Deus e insere mais dois: a onisciência e a incorruptibilidade. Porém, nega sua conclusão, afirmando: o mal não existe. Após essa aceitação e acréscimo de atributos, Agostinho chega à conclusão de que o mal não existe enquanto substância, pois Deus criou somente coisas boas, apesar de corruptíveis. E, prosseguindo para o movimento final, Agostinho diz que o mal acontece devido à falta ou fraqueza da harmonia entre as criaturas boas. Sendo possível interpretar também como o distanciamento das criaturas de Deus e da religião, e maior harmonia com as coisas da Terra, causado pela inversão da hierarquia dos bens, ao priorizar o Bem inferior e não o Bem divino.

Referências

AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores).

SEXTO EMPÍRICO. *Outlines of pyrronism*. Livro III. Oxford University Press: Nova York, 1996.

Submissão: 25. 10. 2022 / Aceite: 26. 10. 2022